



## **Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das Médias Pretônicas**

*Dermeval da Hora  
Regina Celi M. Pereira*

UFPB

### **Introdução**

Os estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil têm tido um crescimento bastante notável. Nos últimos anos, esses estudos atingem os mais diversos campos de estudo.

Em se tratando de estudos fonológicos, o comportamento das vogais médias pretônicas tem-se revelado uma marca dialetal bastante relevante na caracterização dos falares regionais. Tais vogais têm sido objeto de análise de inúmeros pesquisadores aqui no Brasil, a exemplo de Bisol (1981), utilizando dados do falar gaúcho; Callou e Leite (1986), investigando os dados do Projeto NURC do Rio de Janeiro; Silva (1989), com dados do falar baiano; Bortoni-Ricardo (1992), verificando a variação no falar de Brasília; Battisti (1993), analisando também o falar gaúcho, entre outros.

De forma geral, esses trabalhos têm ratificado a idéia de que o /e/ e /o/ pretônicos recebem uma pronúncia predominantemente fechada nas regiões Sul e Sudeste, e uma pronúncia predominantemente aberta no Norte e Nordeste. Nascentes (1953) já considerava a alternância das pretônicas como um divisor de águas entre os falares do Norte e do Sul.

Outro aspecto que também foi registrado por esses trabalhos diz respeito ao fenômeno de elevação a que essas vogais se submetem pela tendência a se harmonizarem com as vogais altas seguintes /i/ e /u/, tendência que não se apresenta como um traço diferenciador entre as duas pronúncias, e, sim, como um ponto de convergência existente nesse ambiente de variação dialetal.

Utilizando o corpus do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba -VALPB(Hora,1993) e pautados na Sociolingüística Variacionista, procuraremos verificar como o pessoense urbano correlaciona a pretônica à vogal da sílaba seguinte.

Nossa hipótese inicial é de que a vogal seguinte está correlacionada positivamente à vogal pretônica, condicionando sua elevação, fechamento ou abaixamento. Se a vogal tônica for uma alta, teremos elevação da pretônica; se média fechada, teremos fechamento e se baixa ou média aberta, teremos a pretônica aberta.

### Análise dos resultados

Para melhor avaliar a influência das vogais seguintes sobre as médias, organizamos duas tabelas: uma com os dados da vogal não - recuada /e/, e outra com os dados da vogal recuada /o/. Foram examinadas 8.679 realizações para /e/ e 6.401 para /o/, perfazendo um total de 15.080 ocorrências.

Optamos por separar as altas orais /i/ e /u/, e as altas nasas /ĩ/ e /ũ/, a fim de controlarmos, sob o ponto de vista articulatório (Mattoso, 1970 p. 44), a influência da anterior /i/ e da posterior /u/, separadamente. Bortoni (1992) adotou o mesmo procedimento. Por outro lado, agrupamos, num mesmo contexto, as não altas nasais: ã, ê, õ. Essa atitude se justifica, primeiramente, pelo comportamento de ã e õ, que se revelaram coincidentes no favorecimento da abertura das médias. E, finalmente, pela ocorrência mínima do contexto vocálico seguinte õ, ao longo de todo corpus, restringindo-se a três únicos vocábulos: **personagem**, **vergonha** e **responsável**, todos de realização aberta.

Observemos os resultados referentes às tabelas 1 e 2 a seguir, que apresentam, de forma geral, os resultados obtidos em todos os contextos:

**Tabela 1**  
**Vogal da sílaba seguinte**  
**Resultados para /E/**

	I			Ê			Ë		
	Apl./total	%	P.Rel.	Apl./total	%	P.Rel.	Apl./total	%	P.Rel.
I									
Revista	1233/2069	60	.65	483/2069	30	.16	202/2069	10	.19
U									
verdura	92/476	19	.17	317/476	67	.55	67/476	14	.26
Ê									
cerveja	40/32	12	.7	17/321	5	.2	264/321	82	.91
Ô									
nervoso	17/224	8	.7	45/224	20	.9	162/224	72	.84
vegetais	20/405	5	.6	330/405	81	.59	55/405	14	.35
Ó									
velocidade	155/765	20	.19	543/765	71	.59	67/765	9	.22
A									
verdade	98/1237	8	.10	982/1237	79	.77	157/1237	13	.13
l									
menina	632/760	83	.97	124/760	16	.2	4/760	1	.1
ũ									
segundo	101/226	45	.83	122/226	54	.14	3/226	1	.3
ã ē õ									
vergonha	82/985	8	.9	803/985	82	.74	100/985	10	.17
Ditongo									
Levou	276/1211	23	.15	253/1211	21	.11	682/1211	56	.74

P.Rel = peso relativo

% = frequência

**Tabela 2**  
**Vogal da sílaba seguinte**  
**Resultados para /O/**

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
I									
policial	654/839	78	.82	143/839	17	.8	42/839	5	.10
u									
procurar	27/301	9	.14	239/301	79	.55	35/301	12	.31
ê									
governo	933/1889	49	.30	24/1889	1	.2	932/1889	49	.68
ô									
gostoso	29/104	28	.8	2/104	2	.1	73/104	70	.91
é									
novela	75/568	13	.9	465/568	82	.76	28/568	5	.14
A									
votar	190/1154	16	.6	948/1154	82	.92	16/1154	1	.2
I									
cozinha	162/171	95	.95	4/171	2	.1	5/171	3	.4
ũ									
profundo	11/51	22	.27	38/51	75	.66	2/51	4	.7
ã ē õ									
momento	27/624	4	.1	562/624	90	.95	35/624	6	.4
ditongo									
comeu	64/466	14	.8	192/466	41	.23	210/466	45	.68

De modo geral, os números correspondentes à vogal não recuada /e/, e à recuada /o/ não apresentam grandes diferenças entre si. Vejamos, inicialmente, a distribuição dos índices de probabilidade e freqüência no contexto das altas orais e nasais: [i], [u], [ĩ] e [ũ].

Tabela 3

Médias antes de altas orais e nasais [i, u, ĩ, ũ]

Resultados para /E/

	i			é			ê		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___i revista	1233/2069	60	.65	483/2069	30	.16	202/2069	10	.19
___u verdura	92/476	19	.17	317/476	67	.55	67/476	14	.28
___ĩ menina	632/760	83	.97	124/760	16	.2	4/760	1	.1
___ũ segundo	101/226	45	.83	122/226	54	.14	3/226	1	.3
	pidia			pésquisa			têcido		
	sigure			péssual			péssual		
	siguinte			términar			sêringa		
	sigunda			pêrgunta			pêrgunta		

Tabela 4

Médias antes de altas orais e nasais [i, u, ĩ, ũ]

Resultados para /O/

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___i policial	654/839	78	.82	143/839	17	.8	42/839	5	.10
___u procurar	27/301	9	.14	239/301	79	.55	35/301	12	.31
___ĩ cozinha	162/171	95	.95	4/171	2	.1	5/171	3	.4
___ũ profunda	11/51	22	.27	38/51	75	.66	2/51	4	.7
	pulitica			cópiar			sôfrida		
	custura			sólucão			pôstura		
	dumingo			sórrindo			rôtina		
	custumo			cóluna			prônuncia		

Confirmando as hipóteses levantadas, os índices mais altos de elevação ocorrem diante de [i] e [ĩ], tanto para /e/, como para /o/. No caso específico da nasal [ĩ], a aplicação da regra de elevação tem caráter categórico (.97 para /e/ e .95 para /o/). Os únicos

vocábulo que apresentam variação para /o/ são: s[ô]rrindo (1), r[ô]tina (4) e r[ó]tina (3). Os demais permanecem invariavelmente altos.

(1)

c[u]zinha, d[u]rindo, d[u]mingo, s[u]brinha, f[u]cinho, m[u]ringa.

Excetuando-se o vocábulo **seguinte**, que também se apresentou como variante fechada (s[ê]guinte), todos os outros que se realizaram com a variante [i] permaneceram invariáveis.

(2)

m[i]nina, s[i]rvindo, p[i]dindo, d[i]fini.

Por outro lado, quando temos [u] e [ũ] no contexto vocálico seguinte, a tendência se inverte. A alta oral posterior /u/ não favorece a elevação nem de /e/, nem de /o/. Os valores percentuais revelam, ao contrário, a ocorrência majoritária das realizações abertas (é = 67% e ó = 79%). Bisol (1981) já registrara que a alta não homorgânica /u/ tem influência menor na elevação das médias.

(3)

p[é]ssual, v[é]rdura, d[é]putado, r[é]gular, p[é]lúcia,  
v[é]stuário, p[é]ruca, t[ó]rtura, c[ó]rrupto, p[ó]pulação,  
pr[ó]duzir, s[ó]lução, pr[ó]curar

É conveniente ressaltar que [i] e [u] na sílaba seguinte se apresentam como os maiores favorecedores da realização variável nos três níveis: elevação, abertura e fechamento. Silva (1989) constatou que o mesmo fenômeno ocorre no dialeto de Salvador: a alternância entre i :: ê :: é e u :: ô :: ó ocorre apenas antes de vogais altas na sílaba seguinte. Foi possível encontrar as seguintes formas variantes no nosso corpus:

(4)

sufrimento	- sófrimento	- sôfrimento
turcida	- tórcida	- tôrcida
prunúncia (1 ocor.)	- prónúncia	- prônúncia (5 ocor.)

pridente	-	présidente	-	prêsidente
rivista	-	révista	-	rêvista
filiz	-	féliz	-	fêliz
pricisa	-	précisa	-	prêcisa
purtuguês	-	pórtuguês	-	pôrtuguês
sigurança	-	séguurança	-	sêguurança

No que diz respeito à alta posterior nasal [ū], percebemos um comportamento diferenciado para /e/ e para /o/.

Se por um lado, o [ū] favorece a abertura de /o/; por outro, favorece a elevação de /e/. Podemos observar também que a aparente falta de paralelismo entre os valores do peso relativo e do percentual se justifica pela co-ocorrência de fatores. Apesar de os valores percentuais serem muito próximos para as variantes ( $i = 45\%$  e  $e = 54\%$ ), o peso relativo se distancia de maneira acentuada ( $i = .83$  e  $e = .14$ ), e a referência ao peso relativo é mais importante na avaliação das tabelas. Essa sobreposição de fatores se manifesta por conta da interferência da fricativa velar /x/, favorecedora da abertura, já que a maioria das ocorrências verificou-se em vocábulos como: **pergunta**, **perguntaram** e derivados. É muito precipitado também fazer qualquer inferência definitiva a respeito da elevação de /e/ diante de [ū], já que 93% das ocorrências se restringem a **sigunda** e **sigundo**.

Vejam agora, nas Tabelas 5 e 6, os contextos que se revelaram mais favorecedores à abertura das médias pretônicas.

**Tabela 5**  
**Médias antes de [ε, o, a] e das não altas nasais**  
**Resultados para /E/**

	i			é			ê		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___é	20/405	5	.6	330/405	81	.59	55/405	14	.35
vegetais	dipressa			séleção			vêgetais		
___ó	155/765	20	.19	543/765	71	.59	67/765	9	.22
relógio	milhor			resposta			rêmoto		
___a	98/1237	8	.10	982/1237	79	.77	157/1237	13	.13
verdade	divagar			rêlação			fêchado		
___ã, e, õ	82/985	8	.9	803/985	82	.74	100/985	10	.17
vergonha	piqueno			levanta			sêmana		

**Tabela 6**  
**Médias antes de [ε, a] e das não altas nasais**  
**Resultados para /o/**

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___é	75/568	13	.9	465/568	82	.76	5/568	5	.14
novela	buneca			prójeito			côlheres		
___a	190/1154	16	.6	948/1154	82	.92	16/1154	1	.2
votar	butar			córação			pôrcaria		
___ã, e, õ	64/624	14	.1	562/624	90	.95	35/624	6	.4
momento	butando			próblema			mômento		

Vemos novamente se confirmarem as expectativas. As ocorrências de variantes abertas são predominantes em contexto de mesma altura, e diante das não-altas nasais [ã], [ê], [ô]. Temos aí a aplicação da regra de harmonização vocálica atuando outra vez. Observamos também que, em termos gerais, a vogal recuada /o/ está mais sujeita à regra de abertura do que a não-recuada /e/. Os

valores probabilísticos e percentuais atribuídos à /o/ são inequivocamente mais altos em todos os contextos considerados. Inclusive diante de [l], a realização aberta foi categórica: nenhum caso de elevação foi registrado, e os casos de fechamento se restringem a cinco ocorrências do verbo **colocar** e derivados.

(5)

c[ô]locava (2), c[ô]locar (2), c[ô]locarem (1)

Nos demais registros, temos a ocorrência categórica de vocábulos como:

(6)

c[ó]locar, pr[ó]posta, f[ó]rmosa, pr[ó]vocar, g[ó]stosa, g[ó]stosona, ch[ó]colate, f[ó]foca, c[ó]lorau, pr[ó]tocolo

As tabelas 7 e 8 apresentam os contextos favoráveis ao fechamento das médias.

Tabela 7

/e/ diante de [ê, ô] e ditongo

	i			é			ê		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___ê	40/321	12	.7	17/321	5	.2	264/321	82	.91
cereja	bizorro			mércearia			pêrder		
___ô	17/224	8	.7	45/224	20	.9	162/224	72	.84
nervoso	milhorei			péssoal			chêgou		
___dit	276/1211	23	.15	253/1211	21	.11	682/1211	56	.74
levou	pidiu			géléia			rêspeito		

**Tabela 8**  
**/o/ diante de [ê, ô] e ditongo**

	u			ó			ô		
	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel	Apl/total	%	P.Rel
___ê	933/1889	49	.30	24/1889	1	.2	932/1889	49	.68
governo	sussego			lóteria			côrrer		
___ô	29/104	28	.8	2/104	2	.1	73/104	70	.91
gostoso	buto(u)			côronel			côlocou		
___dit	64/466	14	.8	192/466	41	.23	210/466	45	.68
comeu	cubriu			jôrnais			môrreu		

Analisando cuidadosamente os valores presentes na tabela acima, vemos a confirmação da hipótese de que as variantes fechadas [ê] e [ô] só predominam nos contextos de mesma altura e de ditongos. Vale esclarecer que o ditongo foi tratado indistintamente, independentemente de ser crescente ou decrescente. Os ditongos nasais não foram considerados porque tiveram ocorrência inexpressiva, apenas cinco: pôrtão, córdão, pôrão e quêstão.

Apesar de não termos controlado estatisticamente essa diferenciação entre os ditongos, pudemos observar que a distribuição das variantes nesse contexto ocorre de maneira previsível.

(7)

**i** - preferencialmente diante de [iw]:

pidiu, firiu, sirviu, vistiu (excetuando-se: dimais e dibaixo)

**é** - preferencialmente diante de [aw], [éy]:

légaw, réawmente, réstawrante, géléya

**ê** - preferencialmente diante de [ey], [oy], [ew]:

rêspeito, dêpois, pêrdeu, pêguei

**u** - preferencialmente diante de [iw], [ey]:

cubriu, durmiu, proveito

**ó** - preferencialmente diante de [ay], [aw]:

jornais, móraw, fórmaw, locaw

**ô** - preferencialmente diante de [ew], [ey], [ãw]

môrreu, nôtei, sôfreu, pôrão, bôtei

De modo geral, os resultados expostos nas Tabelas 7 e 8 não revelam surpresas. Os valores percentuais e probabilísticos mais altos, quase categóricos, atribuídos à realização fechada de /e/ e /o/, se restringem aos contextos de mesma altura ê e ô, diminuindo um pouco diante dos ditongos.

No entanto, é interessante observar que no nosso dialeto, a vogal não recuada /e/ está mais favorável ao fechamento do que à elevação. Considerando o consenso existente entre os pesquisadores já citados neste trabalho, de que a realização fechada das vogais pretônicas é pouco provável no nordeste, e que o fenômeno de elevação é uma tendência convergente entre os dialetos brasileiros, causa uma certa surpresa, então, verificar que dos onze contextos vocálicos considerados, a variante **i** só predomina sobre **ê**, quando se encontra diante de [i], [ĩ], [ũ]. Nos outros oito contextos restantes, **ê** é mais provável de ocorrer (consultar TABELA 2). No que se refere à vogal recuada /o/, o número de contextos em que **ô** predomina sobre **u** cai para seis. Sendo que, em três desses contextos, a diferença entre os pesos relativos das variantes **u** e **ô** revelou-se inexpressiva.

Pudemos observar também que a alternância entre as três variantes **i, é, ê** e **u, ó, ô** ocorre antes de altas orais, mas não diante das altas nasais. Também registramos uma alternância entre os três níveis de altura para /e/ diante de [ʎ], bem exemplificada pelos vocábulos: *milhor, méilhor e mêilhor*.

Nos outros contextos, as variantes se encontram em distribuição complementar: médias fechadas antes de vogais fechadas, e médias abertas antes de vogais abertas.

Em relação às altas nasais [ĩ] e [ũ], temos um comportamento diferenciado. A nasal [ĩ] favorece a elevação categórica tanto de /e/ como de /o/. Enquanto que a nasal [ũ] favorece a abertura de /o/, e a elevação de /e/.

### 3 Conclusão

Concluimos, portanto, que os resultados obtidos são previsíveis. As variantes abertas [é] e [ó] são majoritárias no dialeto pessoense,

apesar de haver ocorrência significativa de variantes elevadas [i] e [u] e fechadas [ê] e [ô], que estão sempre subordinadas à presença de vogais de mesma altura na sílaba seguinte. Logo, médias altas ocorrem predominantemente antes de [i], [ĩ] e [ũ], e as médias fechadas exclusivamente antes de [e], [o] e de certos ditongos.

Na verdade, é o princípio da harmonização vocálica que rege a variação da pauta pretônica no dialeto pessoense. Isso justifica a posição da variável vogal da sílaba seguinte que se evidencia como a mais importante em relação às demais variáveis lingüísticas e sociais consideradas em nossa pesquisa.

#### *Referências Bibliográficas*

- BATTISTI, Elisa. Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRS, 1993.
- BISOL, Leda. *Harmonização Vocálica*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.
- BORTONI, Stela M., GOMES, Christina A., MALVAR, Elisabete. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, Ano 1, v. 1, pp. 9-29, 1992.
- CALLOU, D., LEITE, Yonne. As vogais pretônicas no falar carioca. *Estudos Lingüísticos e Literários* (5). Salvador: UFBA, 1986.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- HORA, Dermeval da. Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB. 1993, mimeo.
- NASCENTES, Antenor. O linguajar carioca. 2.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- SILVA, Myrian Barbosa da. *As pretônicas na fala baiana - A variedade culta de Salvador*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.